



HIPERCOLONOS

NUNO R.

HIPERCOLONOS

Texto de Nuno R.

vaalb.org

[Perfil no Goodreads](#)

Capa de Nuno R.

a partir de imagem de uso livre de: [Maksim Istomin](#)

Conto inédito, escrito em 2014, de um livro de contos nunca publicado.

“A bomba não altera nada?”

“As bombas geralmente alteram muita coisa. Deixam tudo do avesso.” Conrad olhou de novo o rosto do seu anfitrião, de forma a procurar um sinal de ironia, alguma semântica que o ajudasse a gerir a forma de estar naquele diálogo.

“Não parece preocupado.”

“Há pessoas muito bem pagas, que têm por função preocupar-se com essas coisas. O Sr. Leal não se preocupe com explosões e outras formas de fogo-de-artifício.”

Conrad Leal tentou imaginar uma forma positiva mas não submissa de se adaptar àquele discurso ao mesmo tempo evasivo e reprovador. “Agradeço-lhe ter-me recebido numa altura destas. Mostra que estão preparados para reagir à pior das crises.”

“Sr. Conrad Leal, já devia estar a usar a primeira pessoa do plural. Afinal, mais ainda do que fazer parte da equipa, foi comprado a peso de ouro. Espero que a explosão da bomba, tão longe da sua casa mas ainda assim muito aflitiva para si, não lhe tenha danificado a memória.”

Sr. Conrad Leal. Era assim que a sua tia, que o criou, o chamava, quando o queria arreliar. Wellington tinha conseguido arreliá-lo. Com a precisão de um dentista incompetente. Com a determinação de um bully. Com a autoridade de uma professora castigadora.

Apercebeu-se de que tinha amuado, quando se escutou a resfolegar pelo nariz. Como um burro, repetiram-lhe os colegas na escola durante anos. Foi o suficiente para lhe imprimir um sistema de alerta interno para sempre. Desamouu instantaneamente. Não seria Wellington a derrotá-lo, com a sua personalidade imbecil. Vigilância. É preciso estar mais atento ao que digo, ao que escuto, pensou.

Talvez esta dinâmica tenha começado ao terminar de assinar o último de vários contratos, precisamente aquele mais extenso, em que se comprometia em não divulgar nada a ninguém em nenhuma circunstância. Um compromisso expresso em dezenas de páginas, prevendo todas as possibilidades que os advogados imaginaram, com um pessimismo profissional e rigoroso, citando todas as leis existentes, todos os casos que fizeram jurisprudência e indicando antecipadamente quais as pesadas consequências de cada específica prevaricação. Por estar já há quase uma hora a ler expressões legais que não entendia, esforçado em discernir o que o pudesse vir a surpreender e sobretudo em não parecer mais ignorante do que o razoável perante tão sólido arsenal jurídico e tão esfíngico rosto à sua frente, resvalou para o que em inglês se costuma chamar small talk.

Foi aí que Wellington desferiu o primeiro golpe.

Dizia Conrad, “Esta visita que me concedem demonstra bastante transparência.” “Não.”, O vocábulo, sem mais, matou de imediato a possibilidade de conversa fácil, de descompressão. “Não?” “Não. Nunca diria isso. Não me passaria pela cabeça ser tão hipócrita assim.”

Wellington só se mostraria menos turvo, nesse conflito inicial, quando finalmente Conrad se revelou totalmente perdido, os olhos já suplicantes. Aí, avançou com uma segurança acutilante, sem ambiguidades, o que sossegava o seu interlocutor, mas ao mesmo tempo o magoava, por lhe parecer ter exigido um processo de exposição emocional.

Disse-lhe ele o seguinte, “Perceba isto, meu jovem, eu espero que seja claro para si que eu só lhe vou dizer o que é mais favorável para a imagem da Terraform Enterprises. E se alguma vez pensou o contrário então não é a pessoa certa para este emprego. As pessoas dizem sempre o que é conveniente, por isso é que me rio da palavra transparência. Quanto ao que lhe vou mostrar e ficar diante dos seus olhos, não vai precisar da interpretação das minhas palavras. Mas sempre que precisar de me escutar, tenha a certeza que vai ouvir o que convém à empresa que está a assegurar o futuro quer dos meus quer dos seus filhos.”

“Não tenho filhos.”

“Mas a sua namorada está grávida.”

O comentário sobre a sua vida conjugal foi o primeiro de muitos dos quais nunca era possível saber se eram fruto de um sentido de humor mórbido, ou apenas uma afirmação de poder. O certo é que mais tarde ficou a saber que a namorada estava grávida. E passou a ter de viver com um sentimento de paranoia em que imaginava cenários elaborados em que a Terraform Enterprises conseguia obter acesso à urina da sua namorada.

A visita decorreu praticamente em silêncio.

Wellington parecia satisfeito, quase vitorioso. Como se o silêncio do seu interlocutor fosse uma espécie de demonstração de um mérito qualquer, que fosse óbvio e merecesse o seu orgulho. Estava bem-disposto e mostrava-se quase generoso.

Tudo o que Conrad pedia, interrompendo o seu silêncio contrariado, era geralmente acolhido. E vinha, naturalmente, dentro das restringimentos de alguém que não quer esticar a corda, o que fazia brilhar mais o sorriso de Wellington, a cada vez que acedia a um pedido.

O visitante sabia que Wellington fazia disto um jogo. Era suposto Conrad ter a perfeita noção que estava a ser treinado e era suposto não se sentir à vontade para falar nisso e ao mesmo tempo ver o prazer que o jogo provocava no dono do jogo. Ao menos isto explicava a forma desagradável com que foi tratado no início. Wellington não era um ser humano irascível, com dificuldade em se controlar emocionalmente. Nem estava a ter um mau dia. Tudo isto tinha a função de explicar e, diga-se, com uma certa cordialidade dadas as circunstâncias, qual o lugar que Conrad tinha de aceitar.

“É aqui que funcionam as unidades de emparelhamento?” A ausência de resposta foi suficiente para não voltar a fazer uma pergunta sobre algo que não estivesse imediatamente à sua frente. E depois, quando fez uma pergunta sobre algo que estava à frente dos olhos e não obteve resposta, lembrou-se do que tinha escutado sobre não ser necessário interpretar o que Wellington lhe ia mostrar. Rapidamente tinha aprendido a não repetir um erro. E o seu anfitrião gostava muito da rapidez com que ele aprendia.

Wellington aproximou-se de mais uma porta. O habitual procedimento de segurança, com Conrad a manter alguma distância, que o impedia de ver toda a biometria envolvida na confirmação da identidade, fez com que o aço reforçado daquela entrada deslizasse para a esquerda. De novo, viu o seu guia desaparecer pela abertura retangular que, tinha descoberto à sua custa, se não fosse ágil fecharia antes que conseguisse passar.

Passou a entrada e abriu-se à sua frente um espaço de muitos milhares de metros cúbicos, com três ou quatro andares abaixo daquele em que se encontrava. Wellington tinha os cotovelos sobre o resguardo do passadiço de metal que fazia toda a parede do lado e tinha escadas para os andares de baixo, com passadiços semelhantes. Olhava para baixo, com a vaga serenidade de um turista ou de um mirone a observar uma obra de engenharia. Dois ou três passos e alcançou-o. Aqui estavam. Centenas de milhares de unidades de emparelhamento. Mesmo com a fraca iluminação, era possível perceber do que se tratava.

Wellington, sentia-o como através do tato, olhava para ele fixamente. Conrad continuava a olhar em frente. O espaço era de tal magnitude que não precisava olhar para baixo. Era impossível ver o fim daquela instalação industrial.

Cada unidade de emparelhamento tinha uma luz de presença ténue, verde. Não queria perguntar a Wellington se estavam aqui todos os hipercolonos, ou se os 750.000 pioneiros da colonização da superterra estavam distribuídos por vários espaços como este. Até então o emparelhamento virtual nunca tinha sido usado a uma escala destas. E em relação à Terraform Enterprises tudo era misterioso e secreto. Trabalhar para eles era a realização de um sonho que nem anos de estudo de neuro-cibernética lhe tinham permitido esperar.

Não conseguia perceber quantas pessoas aqui estavam. Além das luzes de presença verdes, apenas junto às paredes havia algumas luzes, azuladas. Era possível traçar um trajeto, juntando as escadas e outros pontos de acesso, seguindo a luz azul. E havia, a espaços regulares, alguns pontos de luz vermelha, que davam a impressão de ser saídas de emergência. Mas era impossível saber o que ali estava dentro, que tipo de engenharia, equipamento, materiais, ou mesmo qual a exata dimensão de tudo aquilo.

Sem falar, Wellington esticou os braços e virou-se saindo pela porta por onde tinham entrado. Conrad rapidamente se forçou a acordar e caminhou, sentindo as pernas ao mesmo tempo pesadas e instáveis, até à porta. Aí pretendia voltar-se para um último olhar que não chegou a ocorrer, pois o aço reforçado voltou a revelar-se fechando-se na posição inicial. Foram em silêncio

até aos escritórios. Wellington mudou de estado de espírito. Mostrava-se meditativo, o que não lhe parecia assentar. Bateu à porta de um gabinete e foi-se embora sem dizer palavra.

“Faça favor, Sr. Conrad Leal.” Era surpreendentemente novo, talvez mais novo do que ele, o homem que lhe abriu a porta e o convidou a entrar. “Peço-lhe desculpa por não me apresentar, mas pense em mim como alguém que não tem nome. Na prática é como se não tivesse. E lamento que tenha tido de aturar uma personalidade como a do Wellington. Aquilo são hábitos que lhe vêm de ter trabalhado como militar.” “Militar? Ele foi soldado? Quer dizer, esteve nas forças armadas?” “Ui, nunca lhe diga algo assim, nesses termos. Ele sempre esteve no sector privado. E ia considerar-se insultado se o tratasse como a um soldado ou alguém a mando de um estado. Nada disso. Para ele, uma guerra é por definição um interesse privado.”

O tipo de autoridade do homem sem nome vinha de algo que não era bem condescendência. Era um talento em se aliar ao seu interlocutor, para o apanhar em falso. Tinha de perceber quando é que ia ser apanhado em falso. O perigo, calculava, era não perceber qual era o perigo.

Já Wellington, por comparação, cultivava um cinismo muito pragmático, que se adquire quando se põe em prática por muitos anos e até às últimas consequências, a máxima de que o dinheiro compra a lealdade.

“Devo dizer-lhe que as suas suspeitas de estar sob escuta são completamente fundamentadas. Sei o que esteve a falar com o Wellington. Quanto a mim, é um exagero colocá-lo sob escuta, mas foi o próprio Wellington que insistiu.”

Uma pausa, sem que a mínima emoção passasse através do rosto ou de qualquer linguagem gestual, apenas a palavra hábitos, dita como se pudesse ter sido Conrad a proferi-la e acompanhada de um encolher de ombros.

Quando se preparava para responder qualquer coisa no sentido de dizer que não suspeitava que estava sob escuta, que era uma surpresa para ele o que tinha acabado de ouvir, pareceu-lhe ver a sugestão de um sorriso.

“Imagino que já ouviu falar dos Virtualistas.”

“Sim.”

“São eles o nosso maior inimigo.”

Desistiu de se recompor do ataque à queima roupa sobre a escuta. Ia estar vigilante mas não podia dar-se ao luxo de arriscar paralisar. Tinha de reagir com espontaneidade, mesmo que isso significasse mostrar o que depois viesse a arrepender. Haveria suspeitas de que os autores do ataque à bomba à sede da Terraform Enterprises desta manhã fossem Virtualistas? Com o homem sem nome decidiu continuar a fazer perguntas.

“Porque é que me está a falar de inimigos?”

“Porque foi contratado para os minimizar, naquilo que lhe compete fazer. E se estamos aqui a conversar é porque eu sou a pessoa que irá guiá-lo na estratégia de comunicação da empresa.”

Era a primeira vez, desde que tinha pousado de helicóptero na propriedade da Terraform Enterprises, que alguém lhe tinha dito algo tão claro sobre a sua função e sobre o que lhe estava reservado, no seu trabalho na empresa. Suspeitava que o seu trabalho não seria o de um operacional. Mas isso vinha do hábito de esperar sempre o pior, para aumentar as chances de ter boas surpresas. Ainda assim, era uma desilusão a ideia de escrever comunicados de imprensa.

Avançou, arriscando confiança.

“Não têm nenhum perfil online conhecido, nem nenhum protocolo, ou porta-voz, manifesto, algo que nos permita estabelecer uma posição oficial consistente, que os represente enquanto grupo. Que eu me aperceba, Virtualistas é apenas o nome que algumas fontes noticiosas têm usado. Ninguém ainda reivindicou o nome.”

“É verdade, Leal. Mas isso, na sua opinião, significa que não existe um movimento social, um nicho com esse ou outro nome, algo que esse termo possa de facto representar?”

Quer a formalidade, redundante, mas por isso mesmo a ostentar uma cordialidade que não quer passar despercebida, da expressão na sua opinião, quer a redução do seu nome para o apelido, tiveram o seu efeito.

Houve, dir-se-ia, empatia. Subitamente, havia ali dois homens a partilhar um objectivo, quando antes, com Wellington, havia dois estranhos a medir-se, a avaliar riscos e ganhos, a escudar-se. Sabia-lhe bem arregaçar mangas e procurar soluções, mesmo se não fosse a testar ligações entre o sistema nervoso central e software.

“A palavra foi primeiro usada no artigo «Clonizing Super Earth – Fraud or Reality». Já antes existia o que agora se chama a posição virtualista. E passou a ser comum, em certos círculos, usar-se a expressão como se existisse de facto um grupo ou um movimento coeso.”

“Leal, vamos ao fundo da questão. Anda a tatear. Existem ou não virtualistas? Eu passo os meus dias aqui fechado. Lá fora o que é que se diz, Leal? O que é que se fala, na rua, nos cafés, nos cantos mais escuros da web, o que é que se anda aí a dizer?”

“Não lhe consigo dar uma resposta única. Existe a posição virtualista. A resposta é clara. Sim, já a escutei várias vezes. Com algumas variações. O nome é um pouco ridículo e talvez mesmo incorreto. Mas existe essa posição. Várias pessoas, em conversa, me disseram, ou porque o pensavam ou porque estavam a dar voz, ironicamente, à vox populi, que não interessa se o emparelhamento virtual é ou não uma mentira, porque a experiência virtual é tão real quer tudo seja mentira quer seja verdade. Há várias correntes que se agregam dentro da palavra virtualista. Os mais cínicos dizem que o que as pessoas querem é uma forma de escapismo, por isso não interessa se há clones emparelhados com os hipercolonos aqui na terra, a colonizar a superterra. Isso não interessa, porque tudo é uma desculpa para fugir da realidade da terra. Os ditos virtualistas mais convictos, mais ideológicos, acreditam que a experiência virtual é a verdadeira realidade e é nela que o ser humano poderá realizar o seu verdadeiro potencial, pois pode libertar-se de todos os constrangimentos actuais.”

“Vamos concentrar-nos no que une todas essas variações. Toda essa fauna acredita ou defende ou pelo menos vai propagando a ideia que tanto vale a Terraform estar de facto a colonizar Kepler-440b com centenas de milhares de drones biológicos, emparelhados com os hipercolonos que fazem parte do programa de sono lúcido, como tudo ser uma enorme fraude.”

“Sim.”

“Leal.”

O nome foi dito assim. Sem entoação, nem nenhuma expressão facial ou linguagem gestual. Algo que o homem sem nome faria várias vezes. Estas pausas pareciam pausas no tempo e quase, com a prática, ajudavam a que Conrad relaxasse, de tão vazias.

“Leal. Está prevista a segunda fase da colonização. Mais 500.000 hipercolonos. Está tudo preparado. Não podemos avançar se houver um clima de suspeição sobre a Terraform.”

“Há outro perigo, que é o de atraírem pessoas que não estão interessadas em colonizar um planeta mas simplesmente em fugir daquele que habitam para um mundo virtual.”

“Vamos lidar com um perigo de cada vez. Já consegui perceber porque é que esta gente é nossa inimiga?”

“Teoricamente. Na prática, a maior parte desta gente pode ser descrita como lunáticos, excêntricos, pessoas que o comum dos mortais não leva a sério. Não interessa o que eles dizem porque obviamente a colonização não é uma fraude, certo?”

“Leal. Vou fazer de conta que não escutei a primeira parte do que disse. Contratei-o para ser pragmático. Não me interessa que perceba as coisas teoricamente. E nem sei o que quer dizer com isso. Acho até que sabe que dizê-lo é uma imbecilidade. Quando ao resto, que seja a última vez que lhe escuto algo assim.”

Desta vez, não houve pausa a seguir ao seu nome e houve uma acentuação emocional, subtil, mas clara, nas suas feições. Uma cor. Uma impaciência, controlada, como um tom de voz de um professor que é usado para que os alunos percebam que está a ser usado. A seguir, silêncio, de novo sem expressão.

“Muito bem.” A voz saiu-lhe nervosa e humilde. Mas teve de seguir em frente. “A posição virtualista não é a única que surgiu como parte de um mesmo fenómeno. Já houve tentativas de lhe dar nome. São as posições que encontram uma teleologia que emerge do conceito do emparelhamento.”

“Homem! Onde é que nós o fomos desencantar? A sua análise filosófica não é o seu maior mérito. Deixe-se disso. Vou ver se o ajudo. Regressando ao início. Os virtualistas são os nossos maiores inimigos. Vamos encontrar uma estratégia de comunicação que garanta que a mensagem deles é reduzida à insignificância que lhes é devida. É capaz disso?”

“Foi para isso que me contrataram.

“Foi para isso que o comprámos.”

“A peso de ouro.”

Conseguiu provocar um sorriso. Ou imaginou-o. O que valia exatamente o mesmo.